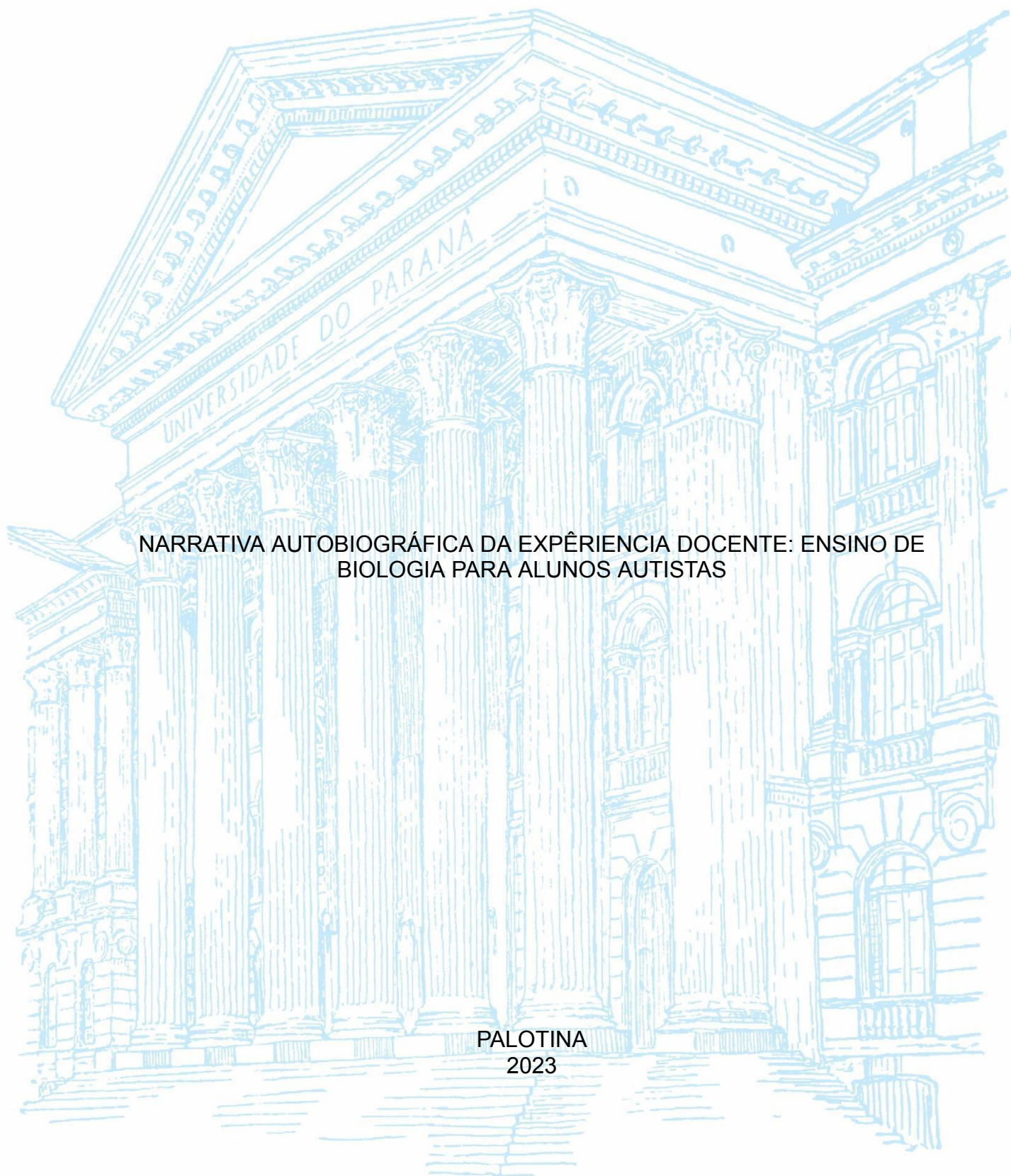


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MÔNICA MORALES GARCIA

NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DA EXPÊRIÊNCIA DOCENTE: ENSINO DE
BIOLOGIA PARA ALUNOS AUTISTAS

PALOTINA
2023



MÔNICA MORALES GARCIA

NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DA EXPÊRIENCIA DOCENTE: ENSINO DE
BIOLOGIA PARA ALUNOS AUTISTAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso Superior de Ciências Biológicas, setor de Palotina, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientadora: Dr^a: Roberta Chiesa Bartelmebs

PALOTINA
2023

NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DA EXPÊRIÊNCIA DOCENTE: ENSINO DE BIOLOGIA PARA ALUNOS AUTISTAS

Mônica Morales Garcia

RESUMO

As narrativas autobiográficas são uma forma de investigação que possibilitam inúmeras reflexões diante das interações sociais que circundam a formação profissional docente. Portanto o objetivo do trabalho foi relatar por meio da narrativa de uma professora em formação no ensino de Biologia, as dificuldades enfrentadas ao se deparar em sala de aula com alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Inicialmente o texto aborda informações fundamentais a respeito da legislação inclusiva e aspectos cognitivos dos jovens autistas. Em seguida discorre sobre as experiências vivenciadas desde o processo de escolarização até o ensino superior, que são pontos fortes da reflexão, visto que essas fazem parte da construção do perfil profissional. Com base na teoria da Zona de Desenvolvimento Proximal, proposta por Vygotsky, juntamente com os benefícios do trabalho colaborativo, busco atrelar as narrativas autobiográficas as tentativas de desenvolver uma atividade que estabeleça não apenas a compreensão do conteúdo, mas também que propiciem a interação social favorecendo a inclusão.

Palavras-chave: Inclusão. Autismo. Mediação. Reflexão.

ABSTRACT

Autobiographical narratives is a form of investigation that enables countless reflections on the social interactions that surround teacher professional training. The present work brings through narratives of a teacher in the process of training in the teaching of Biology, report the difficulties faced when coming across in the classroom with students with Autism Spectrum Disorder (ASD). Initially the text addresses fundamental information and respect for inclusive legislation and cognitive aspects of autistic youth. It then discusses the experiences lived from the schooling process to higher education, which are strong points of reflection, since these are part of the construction of the professional profile. With reference to the theory of the Zone of Proximal Development, proposed by Vygotsky, together with the benefits of cooperative work, it seeks to link the autobiographical narratives to the attempts to develop an activity that establishes not only the understanding of the content, but also that propitiates social interaction favoring inclusion.

Keywords: Inclusion. Autism. Mediation. Biological Sciences.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto da reflexão da minha experiência enquanto aluna do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, e também a respeito do meu primeiro contato como docente em uma escola pública em um município do Oeste do Paraná.

Foi nesse contato profissional inicial, em sala de aula, que comecei a me questionar sobre a capacitação que obtive durante a graduação para lidar com grupos tão diversos. Nesse cenário, me pego por dias refletindo a respeito da educação de jovens com transtornos globais de desenvolvimento e a garantia da inclusão, não apenas ao espaço físico, mas ocupando o seu lugar no desenvolvimento social e educacional.

Com o intuito de colocar autorreflexões a respeito da minha experiência profissional inicial como instrumento de investigação, por meio de narrativas autobiográficas discorro sobre as dificuldades, erros e acertos que a docência tem me proporcionado, além de relatar o gradual processo de construção que exige essa profissão. Esse tipo de abordagem permite emergir momentos da história de vida, que evidenciam elementos de sua cultura e formação que podem ser examinados pelo pesquisador (GALVÃO, 2005).

A narrativa constitui uma forma rica de investigação em termos de experiências humanas, pelas interações que se estabelecem entre todas as pessoas envolvidas (GALVÃO, 2005). Por outro lado, favorece a reflexão sobre a experiência narrada, permitindo o questionamento da própria prática educativa, como afirma Schon (1992, n.p.): “Um professor reflexivo tem a tarefa de encorajar e reconhecer, e mesmo de dar valor à confusão dos seus alunos. Mas também faz parte das suas incumbências encorajar e dar valor à sua própria confusão”.

Sabe-se que reinserção de crianças com autismo nas escolas regulares tem-se tornado uma realidade cada vez mais presente dentro das instituições de ensino, tendo em vista a Lei Federal de nº 12.764 promulgada em 27 de dezembro de 2012, que garante a matrícula desses alunos em classes regulares, assim como a garantia de um atendimento educacional especializado e profissional de apoio. Dessa forma, cresce o número de discussões que permeiam a inclusão das pessoas com deficiência ou necessidades educativas especiais. Tais discussões buscam

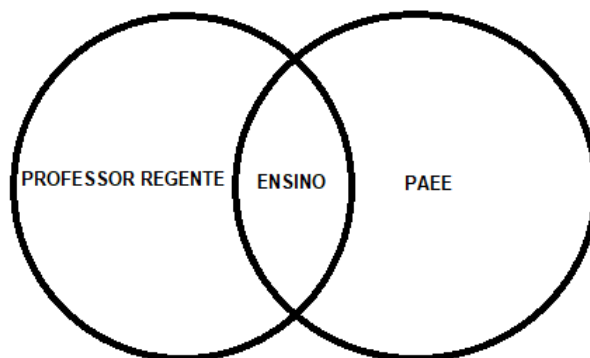
compreender e desenvolver mecanismos que garantam a igualdade e direitos sociais.

É exatamente esse o grupo e foco da investigação e assim, o objetivo deste estudo é relatar, por meio de narrativa autobiográfica, as dificuldades enfrentadas ao se deparar em sala de aula com alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Dentro da dinâmica escolar é possível observar grandes obstáculos que impedem a inclusão efetiva desses jovens, resultado do despreparo do docente desde a formação inicial até a ausência de formação continuada. A escola inclusiva faz parte de um processo de construção pautada na legislação, mas seu pleno desenvolvimento depende da prática dos indivíduos envolvidos na implementação.

Essa prática não está ligada apenas às habilidades técnicas, mas principalmente nas atitudes adotadas perante a inclusão (DA SILVA, 2011). Dessa forma, nos fica claro que o papel da escola perante a inclusão está além de oferecer um espaço físico institucional ou seguridades legislativas, é necessário proporcionar também a permanência através de um ensino de qualidade.

Para que seja possível desenvolver um ensino de qualidade é necessário que o professor esteja preparado metodologicamente e emocionalmente para lidar com esse desafio. Durante a minha trajetória, além da falta de preparo para trabalhar com alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), encontro um novo ator em sala de aula, o Professor de Apoio Educacional Especializado (PAEE), sendo este uma peça fundamental para o intermédio do Professor Regente (PR) e aluno TEA. Tendo em vista esse cenário escolar, me encontro como parte de uma tríade composta pelo PAEE, Professor Regente (PR) e Ensino.

FIGURA 1- TRÍADE EM PROL DO ALUNO AUTISTA



FONTE: A autora (2023).

Essa tríade precisa ser harmoniosa para que se possa atingir um ensino de qualidade e que atenda às necessidades educativas especiais desses alunos e dessa forma alcançar a inclusão em todos os âmbitos, ou ao menos amenizar a segregação dentro da sala de aula.

Cada integrante desse cenário possui particularidades, comportamentos e reflexões distintas. Posto isso, senti a necessidade de discorrer sobre uma reflexão a partir de narrativas autobiográficas, provenientes de diários escritos no processo de ingresso na área profissional da docência na disciplina de Biologia.

A proposta da minha narrativa é compreender as fragilidades educacionais que envolvem jovens com Transtornos do Espectro Autista, no ensino de Biologia. Buscar estratégias que favoreçam a relação entre PAEE, PR e Ensino de forma a facilitar o desenvolvimento social e educacional desses jovens. Com base na teoria da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) proposta Lev Semenovitch Vygotsky, colocando em campo a minha prática profissional, busco observar durante a minha jornada docente a possibilidade de desenvolver a ZDP através de atividades colaborativas.

Através das narrativas propostas neste trabalho, busco discorrer a respeito da trajetória histórica da educação inclusiva, com foco nos alunos TEA, relatar a respeito das características e dificuldades que eles enfrentam para estar inseridos em uma escola regular. Assim como abordar a minha trajetória como recém-formada dentro de uma instituição de ensino pública, e a relação existente entre vários atores da educação que contribuem para consolidação da inclusão social e educacional dos alunos autistas. Antes de passar propriamente a minha narrativa, apresento alguns elementos teóricos importantes que deram base às minhas reflexões posteriores em sala de aula.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Transtorno do Espectro Autista e a Legislação Inclusiva

Ao levarmos em conta os aspectos históricos da inclusão social de pessoas com deficiência, iremos nos deparar com uma realidade excludente, onde as pessoas que apresentavam qualquer tipo de anomalia cognitiva ou física eram fadadas ao extermínio, segregação, abandono, dentre outros. Posto isso, é crucial compreendermos os aspectos legislativos que circundam a inclusão de pessoas com deficiências nas escolas públicas e privadas, já que o número de matrículas vem aumentando consideravelmente a cada ano.

De acordo com o Censo Escolar da Educação Básica (2018), o número de alunos com necessidades educativas especiais matriculados no ensino regular de instituições públicas, tem aumentado consideravelmente. Os dados apontam que em 2014, considerando alunos de 4 a 17 anos, o percentual de inclusão era de 87,1%, em 2018 esse percentual passou para 92,1%. Outro dado apontado é a respeito do Atendimento Educacional Especializado (AEE), passando de 37,1% em 2014 para 40,0% em 2018.

Este crescimento é reflexo das inúmeras políticas educacionais que vêm sendo implementadas pela Secretaria de Educação Especial (SEESP), responsável por desenvolver programas, projetos e ações, para implementar no país a Política Nacional de Educação Especial. Dessa forma atuando como base para que a educação especial seja implementada nas redes de ensino.

O aumento no índice de matrículas de pessoas com necessidades educativas especiais nem sempre foi uma realidade nas escolas públicas. Para que se pudesse atingir esse panorama, foram necessárias normatização legislativa a fim de garantir os direitos básicos da pessoa humana, como a citada na Constituição Federal (1988), que assegura atendimento educacional especializado às pessoas com deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino.

Em 1994 um grande marco na reiteração do direito fundamental da educação, foi a Declaração de Salamanca, considerada um dos documentos mais importantes que resguarda a inclusão social. Trata-se de uma resolução criada através de uma ação governamental que aborda questões importantes relacionadas à educação especial.

Reconvocando as várias declarações das Nações Unidas que culminaram no documento das Nações Unidas "Regras Padrões sobre Equalização de Oportunidades para Pessoas com Deficiências", o qual demanda que os Estados assegurem que a educação de pessoas com deficiências seja parte integrante do sistema educacional (UNESCO, 1994, p.1).

No âmbito nacional, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº. 9394 de 20 de dezembro (BRASIL, 1996), discute sobre a educação para alunos com deficiência. Esta lei garante a oferta da educação para alunos com deficiência sendo oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, assegurando currículo, métodos, técnicas e recursos educativos específicos para as particularidades dos estudantes.

Quanto às pessoas com Transtorno de Espectro Autista, encontra-se respaldado na Lei nº 12.764 promulgada em 27 de dezembro de 2012, conhecida como Lei Berenice Piana, determina que, pessoas com autismo devam possuir os mesmos direitos de pessoas com deficiência, garantindo a eles a utilização de serviços oferecida pela Assistência Social, além de acesso a escolas públicas e serviço especializado.

Tendo em vista todas as normatizações que regem a inclusão de pessoas com deficiência, cabe à sociedade e a comunidade educacional adaptar-se a essa nova realidade cada vez mais presente dentro das instituições de ensino, valorizar e apoiar aqueles que enfrentam desafios.

Aspectos Cognitivos do TEA

Ao considerar a escola como um ambiente heterogêneo e imprevisível, cabe ao educador estar preparado para lidar com a imprevisibilidade desse ambiente. Os profissionais da educação devem criar aberturas e adaptações para atender a diversidade de alunos, assim como ser capazes de conhecer e refletir sobre as dificuldades de cada indivíduo. A partir desse pressuposto é importante compreendermos brevemente sobre os aspectos cognitivos que envolvem o aluno TEA.

Quando nos referimos a uma pessoa com Espectro Autista, primeiramente temos que nos preparar para trabalhar com inúmeras vertentes. Sabe-se que os autistas são classificados de acordo com os conjuntos de manifestações que os individualizam em um espectro particular. É um transtorno de neurodesenvolvimento, caracterizado por déficits no desenvolvimento que traz prejuízo no funcionamento

comportamental, social, acadêmico, apresentando diversos graus de severidade (GADIA, 2006).

Portanto, quando unimos o tema TEA e educação, nos referimos a uma série de jovens em níveis de aprendizagem diferentes mesmo que tenham a mesma idade. Quando a questão é a rede pública de ensino, temos um desafio ainda maior, que são as fragilidades educacionais, sociais, culturais e familiares. Ao incluir dentro do nicho educacional um novo grupo de alunos que necessitam de um amparo institucional ainda maior, observamos um cenário onde se evidencia o despreparo da comunidade educativa.

Diante desse cenário, torna-se fundamental compreendermos os aspectos cognitivos que envolvem os jovens Portadores do Espectro Autista. Como vimos anteriormente, não se trata de um diagnóstico único e individual, mas sim de uma série de características que podem variar de indivíduo para indivíduo. Entretanto, devemos considerar toda a bagagem social e familiar em que os jovens estão inseridos, visto que esses aspectos interferem diretamente no desenvolvimento cognitivo desses discentes.

“A família que introduz o indivíduo no mundo da cultura, as crianças são socializadas muito antes de entrarem na escola. Essa socialização corresponde a valores (em sentido amplo) que patrimônio cultural do universo social a que pertencem” (NOÉ, 2000, p. 25).

Dois grandes nomes marcam os estudos que circundam o autismo, sendo o médico e pesquisador austríaco Leo Kanner e o médico Hans Asperger. Kanner definia o autismo como uma doença de linha das psicoses infantis, sendo tratado como um transtorno das fundações do psiquismo infantil (NASS, *et al.*, 2019). Asperger seguiu sua linha de pesquisa bem semelhante à de Kanner em seu artigo “Psicopatologia autística da infância”.

Ao longo do tempo o conceito do autismo passou por diversas modificações, e hoje é chamado de Transtorno do Espectro Autista (TEA) pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-V (2014), além disso, apresenta alguns critérios para diagnóstico do TEA:

A - Déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos;
B - Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades;

C - Os sintomas devem estar presentes precocemente no período do desenvolvimento (mas podem não se tornar plenamente manifestos até que as demandas sociais excedam as capacidades limitadas ou podem ser mascarados por estratégias aprendidas mais tarde na vida).

D - Os sintomas causam prejuízo clinicamente significativo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo no presente (DSM-V, 2014, p. 91).

De acordo com o DSM-V (2014), às pessoas com TEA apresentam déficits que formam uma tríade caracterizando o transtorno, são eles: déficits na comunicação (linguagem verbal e não verbal), interação social (relações sociais e interações), e no comportamento (interesses restritos, movimentos estereotipados e repetitivos).

Através das análises acima podemos compreender que o TEA é uma alteração comportamental, que interfere diretamente na habilidade social. Dessa forma torna-se indispensável realizar adaptações pedagógicas para que auxiliem a interação e inclusão. Sendo assim, o ingresso na escola torna-se uma fase fundamental no desenvolvimento desses alunos. Não apenas para o aprendizado em si, mas também pelo desenvolvimento social e pela formação do ser humano como um todo (SILVA, 2012).

Zona de Desenvolvimento Proximal e Trabalho Colaborativo

A partir das investigações realizadas nos tópicos acima, fica evidente o quão complexo é buscar estratégias que contemplem a inclusão efetiva de alunos TEA, ou que ao menos amenizem as lacunas que estão sendo criadas anualmente na educação desses jovens. Afinal, estamos falando de um grupo social que ocupa cada vez mais as salas de aula do ensino regular, e trazem consigo uma bagagem de vivências muito particular, que se relaciona com a sua específica visão de mundo, seu olhar contraditório para com as relações afetivas sociais.

Nesse sentido, torna-se essencial compreender quem são os alunos com autismo, quais são suas dificuldades, medos, sonhos, a fim de buscar estratégias didático-pedagógicas que possam auxiliar esses discentes a enfrentar as barreiras dentro da rede regular de ensino. Pois, o papel do professor, além de considerar todo o aprendizado do aluno, deve estar atento também ao âmbito social circundante, dando significado às suas vivências pré-estabelecidas, valorizando o acolhimento e tornando-os autoconfiantes (ROSALEM; VIESBA, 2022).

A respeito desse cenário de inclusão nas instituições de ensino, compreendo a teoria da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), proposta por Lev S. Vygotsky, atrelado ao trabalho colaborativo, estratégias fundamentais no desenvolvimento de aprendizagens dos alunos autistas. Já que a ZDP adota uma postura sócio-interacionista, capaz de promover relações que sejam favoráveis ao desenvolvimento cognitivo (VECCHIA; VESTENA, 2020).

A ZDP trata-se de uma parte da teoria na qual Vygotsky afirma existir uma área potencial do desenvolvimento cognitivo humano que pode ser classificado em Zona de Desenvolvimento Real e Zona de Desenvolvimento Potencial. O primeiro é caracterizado pelas atividades em que a criança é capaz de resolver sozinha, já o segundo está relacionado ao conjunto de atividades em que a criança não consegue desenvolver sozinha, mas sim com o devido intermédio do professor ou colega. Portanto a ZDP é a distância média entre a Zona de Desenvolvimento Real e Zona de Desenvolvimento Potencial (VYGOTSKY, 1993).

Além de estar a par da teoria da ZDP, é importante considerar que essas interações serão promovidas pela escola, mais precisamente pelo professor, e o ambiente educacional permite uma diversidade de interações interpessoais fundamentais para o desenvolvimento humano. Quando se trata de jovens com autismo, considerando que esse transtorno consiste em dificuldades na socialização, é justamente na mediação das interações que será possível o auxílio no desenvolvimento desses alunos (ZANELA, 1992; VECCHIA e VESTENA, 2020).

Tendo em mente as considerações tratadas por Vygotsky a respeito da ZDP e a importância das relações sociais existentes no ambiente escolar atrelados ao desenvolvimento de alunos autistas, tornam-se necessárias buscas por estratégias que possam facilitar o entendimento do aluno perante a disciplina e incentivar a interação social. Assim sendo, é possível encontrar um amparo na construção de um trabalho colaborativo, já que esse desempenha um papel fundamental na interação dos alunos e no compartilhamento dos conhecimentos.

Nos limites da escola, as práticas colaborativas desempenham um papel fundamental na interação em todos os setores da educação, pois tem como um dos seus objetivos preparar o ambiente para oferecer aos alunos a oportunidade de trabalhar em conjunto, e assim oferecer possibilidades e meios para um bom funcionamento do processo de ensino e aprendizagem.

As atividades colaborativas podem se tornar uma ferramenta eficiente tanto para os estudantes quanto para os professores. Conforme ressaltado por Damiani (2008), as principais vantagens deste tipo de trabalho são as possibilidades de socialização promovendo habilidades comunicativas e convivência, aquisições de aptidões e habilidades, superação do egocentrismo, melhorias no rendimento escolar, entre outros.

Todas essas questões devem estar atreladas à importância do docente como mediador e articulador do ensino, seja no estímulo para que se trabalhe em grupo, quanto para apresentar formas interativas que possibilitem o compartilhamento de ideias para obtenção do conhecimento. Essas interações propostas pelo trabalho colaborativo vão de encontro com a ZDP, que é justamente construída pelas interações estabelecidas entre os indivíduos, seja entre alunos, seja entre professor e aluno.

A seguir, apresento algumas considerações metodológicas seguidas no curso desta narrativa, para posteriormente inserir o (a) leitor (a) nas minhas reflexões acerca do processo de inclusão de alunos TEA na escola em que estou atualmente lecionando.

3. METODOLOGIA

A partir das narrativas autobiográficas busco discorrer a respeito de uma prática realizada em uma instituição pública no município de Terra Roxa- PR. A intervenção foi desenvolvida em uma turma da 2ª série e a atividade teve como objetivo a confecção de modelos didáticos representativos dos sistemas do corpo humano.

Tomando como base a teoria da Zona de Desenvolvimento Proximal, proposta por Vygotsky e o trabalho colaborativo, a narrativa ocupa seu papel fundamental na expressão da experiência realizada, narrando os acontecimentos em torno da importância de desenvolver práticas que possibilitem a inclusão de alunos com autismo.

Utilizar esse método de pesquisa tornou-se essencial, uma vez que possibilita uma oportunidade de contemplar e refletir sobre todo processo inicial que envolve a formação do professor e as dificuldades enfrentadas no primeiro contato profissional em sala de aula. Essas características estão de acordo com o que afirma Gastal e Avanzi(2015):

A riqueza dessa forma de abordagem reside, dentre outros aspectos, no fato de que as narrativas autobiográficas fazem emergir momentos da história de vida, que evidenciam elementos de sua cultura e formação que podem ser examinados pelo pesquisador (GASTAL, AVANZI p,153, 2015)

A utilização do método de investigação narrativas autobiográficas, é uma oportunidade de olhar para a essência da profissão docente e encarar as fragilidades existentes no processo de construção do perfil profissional. Os seres humanos são moldados diariamente por decorrência de suas interações sociais. Conforme apresentam Davis, Silva e Esposito(1989):

O termo interação social está intimamente ligado à proposta de Vygotsky, na medida em que este autor adota uma visão de homem que é essencialmente social: é na relação com o próximo, numa atividade prática comum, que este, por intermédio da linguagem, acaba por se construir e se desenvolver enquanto sujeito (DAVIS; SILVA; ESPOSITO, 1989, p. 50).

Utilizar a subjetividade como forma de investigação, é uma possibilidade de encontrar a relação entre a teoria e a prática, principalmente quando nos referimos ao espaço de formação e atuação do futuro professor. O ato de narrar a própria experiência está inteiramente relacionado com a singularidade de cada vivência, onde o indivíduo carrega consigo uma bagagem individual e deposita em suas observações diárias sua reflexão, possibilitando a interpretação do contexto ao qual está inserido.

Sendo assim, é possível afirmar que as narrativas autobiográficas se enquadram dentro da abordagem qualitativa tornando-se recurso metodológico indispensável nesse estudo. Visto que, questionar uma experiência é parte integrante do processo de compreensão e os questionamentos surgem à medida que a história ganha forma através das narrativas (LIMA, GERALDI, GERALDI, 2001).

Considerando o aspecto qualitativo e empírico desse tipo de investigação trabalhar com essa metodologia não se trata de uma tarefa fácil, é um trabalho detalhado e exaustivo, devido à necessidade de registrar cada ação observada, fazer anotações e transcrições para um diário, assim como refletir e teorizar o contexto de investigação. Além disso, trata-se de um processo ao qual é necessário atribuir significado mediante as relações sociais e problemáticas que circundam o campo profissional em questão.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Narrativas de uma professora em formação

Nas linhas seguintes dou início aos relatos condicionados aos caminhos que me direcionaram a escolha da profissão, processo de formação inicial e principalmente a experiência profissional como docente e as dificuldades em trabalhar os conteúdos de Biologia com alunos com Transtorno do Espectro Autista.

Por que escolhi a educação?

Filha de um pai pernambucano, mãe paraguaia descendente de indígena, irmão negro, todos pobres às margens da sociedade, de todos os lados sempre presenciei a intolerância, preconceito e a segregação. Com intuito de contextualizar o meu apreço pela educação básica, do ensino público em especial, tomo a liberdade de relatar brevemente sobre pontos importantes que me encaminharam para essa área.

Não venho de uma família de professores, meu pai nem ao menos concluiu o ensino fundamental, minha mãe com muita dificuldade terminou o ensino médio. Por vir de uma família muito humilde e pouco estruturada, senti na pele as dificuldades em priorizar os estudos, principalmente quando a prioridade se torna o trabalho e a renda que ele proporciona.

O esforço em me manter na escola mesmo com tantas adversidades, me levaram a inúmeros tropeços tais como baixa frequência, sentimento de não pertencimento, inúmeras dificuldades em acompanhar os conteúdos, que culminaram em duas reprovações. Outra questão que interfere diretamente em todos esses obstáculos relatados, é a estrutura familiar, pois assim como no meu, na grande maioria dos casos não há um acompanhamento dos pais, com tão poucas condições de incentivo no âmbito familiar.

Apesar de tantas atribulações, busquei fazer das minhas dificuldades um combustível para encontrar um caminho melhor que meus pais tiveram. E foi na figura de um professor de Biologia que busquei um referencial, e senti o desejo de construir uma profissão na qual eu pudesse contribuir com a aprendizagem de jovens que enfrentam diariamente as mesmas adversidades que enfrentei. Nesse

sentido fica claro que ser professor vai muito além de ensinar o conteúdo, está ligado a trabalhar com as adversidades sociais que se manifestam em sala de aula. Como apontam Dias e Pinto (2019):

A educação é, desde a sua gênese, objetivos e funções, um fenômeno social, estando relacionada ao contexto político, econômico, científico e cultural de uma determinada sociedade. O ato de educar é um processo constante na história de todas as sociedades, não é o mesmo em todos os tempos e lugares, e é, em sua essência, um processo social. Além disso, educação e sociedade se correlacionam porque a primeira exerce forte influência nas transformações ocorridas no âmago da segunda (DIAS; PINTO, p.449, 2019).

E é nesse viés interacionista que compreendi o papel da educação e a força que tem para a transformação social, especialmente no que se refere à inclusão escolar, tópico que aprofundarei no item a seguir.

Formação inicial no contexto da inclusão

Desde que ingressei na graduação em Ciências Biológicas tinha como objetivo seguir para a docência, pois sempre olhei essa profissão como uma oportunidade de transformar realidades através da educação. E foi nas matérias específicas da licenciatura que estreitei o meu apreço pela área, e onde comecei a compreender o quão complexo e dinâmico é esse ambiente. Mas foi nas disciplinas de Educação Inclusiva que me interessei particularmente por esse público.

Ao estudar o contexto histórico das pessoas com deficiências físicas ou cognitivas, principalmente relacionando esse contexto a educação massiva compreendi, que os difíceis e longos caminhos que foram percorridos para que se pudesse chegar aos direitos de inclusão atuais. Historicamente, o movimento social da Educação Inclusiva está intimamente ligado à luta por direitos civis, principalmente no que se refere à inclusão daqueles que são alvo da segregação e marginalização implantado pela sociedade (CROCHIK *et al.* 2009).

Esse conhecimento histórico me despertou para compreender como é a realidade atual dessas pessoas quando assunto é a inclusão na educação. Mas infelizmente durante a graduação, as disciplinas estavam mais voltadas para o contexto histórico e políticos de inclusão, que é de fato fundamental, mas há uma carência acerca das estratégias que podem ser utilizadas para superar as barreiras de ensino, de Biologia por exemplo, para jovens com TEA. Em decorrência da

ausência de outras disciplinas relacionadas à inclusão, houve um afastamento do meu interesse e concluí todas as disciplinas de licenciatura voltando o viés sempre para alunos neurotípicos.

Hoje retomando a minha trajetória como discente consigo observar essa lacuna que a graduação acaba proporcionando, de certa forma somos condicionados a aprimorar os nossos métodos profissionais em prol de uma maioria, ou seja, alunos interessados, participativos, ativos e sem nenhum tipo de transtorno. Nesse momento da graduação me questionava como enfrentar a segregação em sala de aula, já que esses alunos não são protagonistas do ensino nem sequer na formação inicial de professores?

E hoje compreendo que se não estivermos preparados para atuar na singularidade desse aluno, podemos abrir lacunas para um regresso histórico, onde o principal objetivo era uma tentativa de "normalização da deficiência" conforme destacado por Alves e Barbosa (2006), muitas vezes a singularidade e a complexidade do processo de construção do conhecimento são negligenciados, embora sejam únicas a cada indivíduo.

Os espaços vazios que ficaram durante a graduação, fez com que eu desenvolvesse um olhar inquietante sobre aqueles jovens que aparentemente não seguem o modelo estereotipado de alunos por serem neurodivergentes. Desde os momentos em que eu estagiava, uma das minhas maiores preocupações eram exatamente os alunos que apresentavam problemas de comportamento.

Em meu mundo interior, vários questionamentos me inquietavam, tais como: por que esse aluno apresenta um mau comportamento exagerado? Por que ele só dorme durante as aulas? Por que não faz as atividades? É claro que esses fatos me fazem refletir sobre o contexto familiar, econômico e social desses alunos, pois como afirma Alberto Noé (2000) os fatores sociais intervêm diretamente no processo educativo.

Primeiro contato profissional

O meu primeiro contato profissional como professora de Biologia vem ocorrendo em uma instituição estadual da rede regular de ensino, no município de Terra Roxa-PR. A escola oferece classes do ensino fundamental II ao ensino médio. As séries em que ficam sob minha responsabilidade desenvolver o ensino de

Biologia são 1ª série “A”, “B” e “C”, 2ª série “A”, “B” e “C”, 3ª série “A”, “B” e “C”, contabilizando um total de 9 classes do ensino médio.

Por se tratar de uma escola que fica localizada no centro da cidade, atende alunos de várias regiões do município, desde periferias até a região central. O grupo social que compõe as minhas turmas é bem diversificado, constituído por alunos vindos de outros estados, indígenas, gestantes, trabalhadores e alunos com necessidades educativas especiais.

Em todas as turmas que trabalho existem mais de dois alunos laudados com Transtornos Globais do Desenvolvimento. E em algumas classes apresenta-se até 5 alunos com algum tipo de transtorno na aprendizagem. Em 5 das 9 turmas tenho alunos com laudo de autismo e alguns possuem um Professor de Atendimento Educacional Especializado (PAEE), que o acompanha diariamente em todas as disciplinas, conforme a Tabela a seguir.

TABELA 1 – QUANTIDADE DE ALUNOS QUE POSSUEM LAUDO POR SÉRIE

Turmas	1ª série A, B e C	2ª série A, B e C	3ª série A, B e C
Total de alunos	102	73	89
Alunos TEA	2	3	1
Outros transtornos	12	7	8
PAEE	2	1	1

FONTE: A autora (2023)

A tabela acima demonstra na sua primeira linha a quantidade total de alunos por série, subsequente apresenta o número de jovens laudados com o Transtorno do Espectro Autista, em seguida o número total de discentes com outros tipos de transtornos de aprendizagem e por fim o número de Professores de Atendimento Educacional Especializado (PAEE), que tem como função acompanhar os alunos autistas nas suas necessidades educativas em parceria com os Professores Regentes. Em conformidades com a Secretaria de Educação Especial cabe aos Professores de Atendimento Educacional Especializado:

Identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela (BRASIL, 2008, p. 15).

A heterogeneidade da turma torna o trabalho ainda mais desafiador e abre espaço para um campo de pesquisa rico em reflexões. Até chegar na sala de aula de fato como professora da turma, o caminho foi cheio de inseguranças, medo, mas também muita vontade de vivenciar essa experiência a qual eu tanto almejei durante a graduação, e principalmente fazer a diferença na vida dos meus alunos por meio do ensino de Biologia.

É fato que o primeiro contato que tive em sala de aula foi no estágio durante a graduação, já nesse momento tive que lidar com a insegurança e medo. No entanto, durante o estágio, sempre estive amparada a minha posição de estagiária e a presença do professor regente durante as aulas, esse amparo acaba sendo um ponto favorável diante das adversidades. Mas estar na posição de professora de Biologia diante de uma turma de no mínimo 35 alunos, em nada se assemelha ao fato de ser uma estagiária em processo de formação.

Apesar do frio na barriga e da imensa insegurança, o desejo de ser regente de uma turma falava mais alto, compartilhar meu conhecimento, desenvolver estratégias de ensino, contribuir com o desenvolvimento de vários jovens é algo que venho almejando por muito tempo.

Contudo, sempre mantive os meus pés no chão quanto às dificuldades que iria enfrentar em todo meu processo de formação e início da carreira de professora. Nunca idealizei uma turma exemplar e comprometida, materiais e metodologias a minha disposição, pois venho de um ensino básico público bastante problemático, e em toda minha jornada escolar enfrentei diversas dificuldades.

Estar dentro de uma escola pública da rede estadual, dessa vez como professora, sem dúvidas me faz refletir sobre todos os caminhos percorridos até aqui, ainda mais por se tratar de uma cidade pequena como a qual eu fui criada, inclusive com os mesmos problemas sociais.

Primeiro contato com alunos Autista

Sem dúvidas o meu inquietamento perante as problemáticas sociais inclusivas, que surgiram na formação inicial, me acompanharia durante a minha jornada como professora, e foi exatamente assim que aconteceu, mas dessa vez surge um novo protagonista. Quieto demais falta de comunicação visual, movimentos repetitivos, dificuldades na socialização, foram apenas uma das características que eu observava diariamente e pensava “meu Deus e agora?”.

Eu já imaginava enfrentar problemas relacionados a transtornos cognitivos, mas confesso que não me preparei metodologicamente para isso, tão pouco problematizei esse desafio em meu interior. Sim, eu esperava indisciplina, agitação, falta de respeito. Mas foi justamente o silêncio, falta de contato visual, ausência de interação social que me pegou desprevenida.

Nos meus primeiros dias de aula, um aluno me chamou muita atenção, não conseguia registrar no caderno o que era pedido em sala, apresentava muita dificuldade ao fazer isso. Eu poderia aguardar ele fazer os registros por vários minutos, e mesmo assim era insuficiente. Enquanto isso, o restante da turma só faltava derrubar a sala. Em meio às tentativas de registrar no caderno, ele parava e protegia os seus ouvidos da conversa desenfreada ao seu redor.

Ao seu lado uma professora responsável por lhe orientar, incentivar e auxiliar nas dificuldades, estava sempre muito atenta às minhas explicações, e anotava cada palavra. Essa história se repetiu em mais quatro turmas, e diariamente e semanalmente, claro que com grandes diferenças entre cada jovem. Uns extremantes metódicos quanto a organização do caderno, outros com habilidades em desenhos, aqueles extremamente isolados no canto da sala, mas grande maioria tinha um ponto comum, a total falta de compreensão quando o assunto era Biologia.

Confesso que ansiedade tomou conta de mim, a vontade de fazer a diferença na vida destes alunos, fazer da Biologia algo agradável, divertido que pudesse proporcionar a eles não apenas o conhecimento científico, mas momentos de interações e autoconhecimento. Mas como eu já esperava dentro de uma instituição pública nada é simples, as adversidades são inúmeras, falta de tempo, salas lotadas, prazos, provas, indisciplina dos alunos, fazem parte do dia-dia de um

professor, e no meu caso ainda carrego o peso da inexperiência e principalmente a falta de preparo para trabalhar com alunos TEA.

Diante desse novo cenário, acompanhando a angústia de não conseguir mediar o ensino para esses alunos, comecei a estudar sobre autismo, as leis que o ampara, as características desses jovens, as dificuldades e especificidades que cada indivíduo carrega. Pois quando as atitudes a serem tomadas estão atreladas a alunos com necessidades educativas especiais, trata-se de intervenções complexas. Geralmente não se tem certeza de como procedê-las, mas é fundamental acreditar que existe a possibilidade de alcançar um ambiente mais inclusivo (DA SILVA, 2011).

Adaptar-se a um novo ambiente e a novas realidades, não é uma tarefa fácil, ela demanda tempo e dedicação, e enquanto tentava compreender o contexto ao qual iria lidar diariamente, crescia o meu descontentamento e frustração. Pois já afirma Da Silva (2011), mesmo reconhecendo que a escola é um espaço de interação e aprendizado, não é um ambiente fácil de administrar, ainda mais quando nos deparamos com indivíduos que enfrentam problemas complexos, e ainda mais quando a própria sociedade não possui um comportamento inclusivo.

Conforme fui desenvolvendo pouco a pouco o meu entendimento quanto a essa realidade, percebi que a paciência seria a minha melhor aliada, respeitar minha inexperiência e o processo do conhecimento. E o ponto principal dessa jornada seria conhecer meu aluno, suas fragilidades, dificuldades cognitivas, interesses, sonhos, aptidões. A partir de então comecei a buscar estratégias metodológicas no ensino de Biologia, a fim de favorecer não apenas a aprendizagem, mas também a interação social desse aluno com o restante da turma.

Considerando o que Da Silva (2011) afirma, a educação inclusiva oferece um sentido mais abrangente no contexto de educação. Isso porque a escola não deve oferecer aos alunos apenas um espaço compartilhado, mas também deve oportunizar qualidade de ensino na sua permanência. E assim surge um grande desafio, uma ânsia por trazer esse aluno integralmente para dentro da sala de aula, não apenas de corpo presente.

Em meio a muitos erros e acertos, é sempre possível aprender uma nova lição, e é assim que tem sido a minha jornada em sala de aula, em busca de métodos eficazes para envolver os alunos TEA e fazer valer os seus direitos de inclusão.

Desafios no caminho e trocas de experiências

Em vista dos conteúdos complexos trabalhados nas turmas do ensino médio, busquei por uma estratégia que pudesse permitir uma melhor compreensão do conteúdo fugindo do contexto tradicional de sala de aula e explicações expositivas. O Quadro 01 a seguir demonstra alguns temas complexos de serem trabalhados no ensino médio, exigindo metodologias complementares, principalmente em se tratando de alunos autistas.

QUADRO 1 – TEMAS CONSIDERADOS COMPLEXOS

Séries	1ª	2ª	3ª
Conteúdo	Métodos Científicos	Taxonomia e Filogenia	Conceitos fundamentais de genética
Conteúdo	Surgimento do primeiro ser vivo	Noções básicas de filogenia	Mitose e Meiose
Conteúdo	Biogênese e Abiogênese	Classificação dos mamíferos	Primeira lei de Mendel
Conteúdo	Astrobiologia e Microrganismos Extremófilos	Sistemas do corpo humano	Segunda lei de Mendel

FONTE: A autora (2023)

Por vários momentos acabei fazendo escolhas das quais me arrependo, mas conhecer os alunos autistas é assim, o erro faz parte desse caminho. Dois momentos foram muito marcantes para mim, em um deles foi quando planejei fazer um trabalho em grupo e uma aluna, a qual eu não tinha conhecimento da sua dificuldade de socialização, se recusou a fazer a atividade em grupo. Em outro momento e em outra turma, realizei uma atividade de ilustração na área externa da escola, escolhi a ilustração justamente por ser uma aptidão desse aluno autista, e mais uma vez me deparei com a negação, ele se recusou fazer atividade junto com os outros alunos e optou por ficar na sala de aula.

Esses momentos de dificuldade foram apenas alguns de muitos que precisei enfrentar alguns ainda enfrento, mas tenho buscado superá-las juntamente com meus alunos. Diante desses desafios fui em busca de professores mais experientes, equipe pedagógica e principalmente das professoras PAEE, para conhecer mais a respeito das limitações de cada um, e dessa forma agregar informações que pudessem contribuir com o trabalho pedagógico uma vez que

A educação não é algo espontâneo na natureza, não é mera aprendizagem natural, que se nutre dos materiais culturais que nos rodeiam, mas uma

invenção dirigida, uma construção humana que tem sentido e que leva consigo uma seleção de possibilidades, de conteúdo, de caminhos (SACRISTÁN, s.p, 1999).

Em conversa com outros professores, da escola em que trabalho, pude compartilhar a insegurança, falta de preparo, tropeços que muitos relataram já ter enfrentado e ainda enfrentam. Durante algumas interações diárias que acontecem nos períodos de atividades extraclasse dos professores, pude aproveitar e buscar orientações de alguns docentes que já trabalham a mais tempo com os alunos autistas. A fala de uma professora em particular me vem muito clara a memória, ela dizia que, *“Essa aluna melhorou muito, no ensino fundamental ela era agressiva, não me aceitava, mas hoje nossa relação é outra, aprendi a lidar com os limites dela”* (PROFESSORA REGENTE, 2023). Demonstrando através dessa fala a necessidade da paciência que deve existir no processo de aproximação com os alunos autistas, bem como o respeito aos limites de cada um.

Em outros momentos de conversas informais que eventualmente temos na sala dos professores, ao indagar algumas professoras PAEE a respeito de como amenizar essas dificuldades do ensino dentro da sala de aula, pude ouvir alguns posicionamentos que me proporcionaram muitas reflexões. Uma das professoras que atua a 5 anos como PAEE afirmou que *“Acredito que um trabalho novo faria diferença, pois o objetivo é incluir o aluno e fazer com que ele se sintam bem e útil”* (PAEE, 2023).

Da mesma forma, outra profissional que trabalha como PAEE há seis meses enfatizou que *“Seria ideal uma escola livre de preconceitos e do bullying, realizar um trabalho com toda a comunidade escolar a esse respeito. Ser uma escola acessível dentro dos padrões exigidos, os quais não são cumpridos em grande maioria”* (PAEE, 2023).

Tais relatos demonstram a preocupação desses professores com a inclusão e bem-estar de seus alunos. E essa proximidade que acabamos construindo diariamente entre Professor Regente e PAEE torna-se fundamental, pois o PAEE lida diariamente com as fragilidades do aluno autista, e acaba auxiliando o Professor Regente em estar a par das particularidades e fragilidades educacionais dos alunos autistas, e dessa forma tornar possível a busca por estratégias metodológicas.

Em busca de uma estratégia Sócio-interacionista em Biologia

Buscando colocar em prática a teoria da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) e a metodologia colaborativa, a fim de proporcionar aos alunos autistas a possibilidade de trabalhar em grupo, desenvolver sua interação social e compreender de forma prática o conteúdo. Propus à turma da 2ª série “A”, o desenvolvimento de três modelos didáticos representando o Sistema Respiratório, Circulatório e Esquelético na disciplina de Biologia.

A atividade corresponde ao conteúdo da grade curricular proposta pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias, que tem como uma de suas competências.

Construir e utilizar interpretações sobre a dinâmica da Vida, da Terra e do Cosmos para elaborar argumentos, realizar previsões sobre o funcionamento e a evolução dos seres vivos e do Universo, e fundamentar decisões éticas e responsáveis. (BNCC, 2017, p. 542).

A escolha em desenvolver tal atividade em sala de aula teve como objetivo possibilitar a mediação do professor, de forma a auxiliar nas dúvidas relacionadas ao conteúdo e a construção do modelo, assim como mediar as interações e facilitar a participação dos alunos autistas. Tal decisão leva em conta o pressuposto, proposto por Vygotsky, que afirma que a função do professor (considerando uma ZDP) está relacionada em garantir apoio e oferecer recursos, possibilitando ao mesmo a capacidade de atingir o conhecimento de maneira independente. Não é, portanto, a instrução propriamente dita, mas a assistência que permite ao aprendiz atuar no limite de seu potencial (FINO, 2001).

A sala foi dividida em três grandes grupos, esses não tiveram autonomia de escolher os integrantes, já que geralmente essa escolha acaba acarretando a preferência por afinidades, resultando em grupos segregados e exclusão de alguns alunos. Cada equipe foi designada a construir um modelo didático, cada integrante individualmente ou em pares ficaram responsáveis pela elaboração de uma estrutura específica, montagem, preparação do material, explicação, pesquisa etc.

TABELA 2 – ORGANIZAÇÃO DOS GRUPOS DE ACORDO COM O TEMA

Grupo A	Grupo B	Grupo C
Sistema Esquelético	Sistema Respiratório	Sistema Circulatório
10 alunos	10 alunos	11
0 autista	1 autista	1 autista

FONTE: A autora (2023)

O grupo A ficou responsável pelo Sistema Esquelético, O B pelo Sistema Respiratório e o C pelo Sistema circulatório, sendo que no grupo B e C um dos integrantes possui laudo de Transtorno do Espectro Autista, portanto irei dar ênfase nesses dois grupos.

Mediar a escolha dos grupos me possibilitou sobrepor uma barreira, a da exclusão, estimulando os alunos a trabalharem fora da sua zona de convívio diário. Subsequente busquei intermediar a distribuição das atividades internas de cada grupo, de forma que cada integrante pudesse contribuir na construção do modelo didático.

No grupo B, o aluno autista ficou responsável por pesquisar o nome das estruturas do Sistema Respiratório e transcrevê-las em placas feitas de papel cartão. Já no grupo C, o aluno autista ficou responsável por montar a estrutura que representa a circulação venosa e a circulação arterial.

A montagem do modelo didático levou três aulas para ser construído, e durante as nossas atividades pude presenciar uma boa participação de todos e colaboração entre os indivíduos. Dois integrantes do grupo B demonstraram-se solidários com o aluno autista e se prontificaram a auxiliá-lo em sua atividade. Ambas desenvolveram de forma conjunta a confecção das placas que identificavam o nome das estruturas.

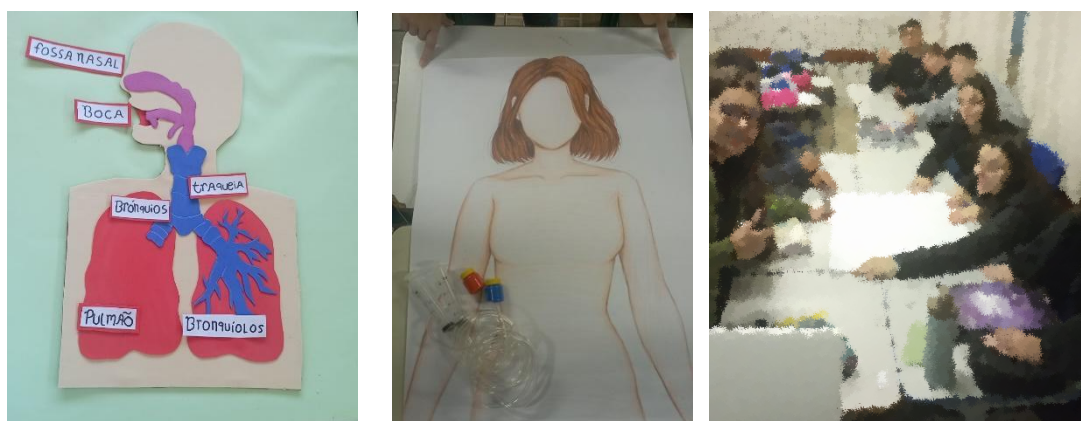
Já o grupo C demonstrou menos entrosamento com o aluno autista, que por muitas vezes, acabou tendo dificuldades em acompanhar o desenvolvimento do trabalho. Por esse motivo a minha mediação com esse grupo precisou ser mais

enfática, sempre estimulando o desenvolvimento do trabalho e atribuindo novas atividades a serem feitas em prol da colaboração dos integrantes da equipe.

O momento da finalização do trabalho foi particularmente produtivo, cada integrante do grupo estava com seu material pronto para compor o modelo didático. A aluna autista que ficou responsável pela confecção dos nomes das estruturas do Sistema Respiratório, pode ter a oportunidade de interagir efetivamente com o grupo, visto que através da pesquisa que realizaram anteriormente, sabiam exatamente onde encaixar cada placa de identificação. Sendo assim, nesse momento de finalização, houve uma grande interação para que cada estrutura fosse colocada em seu devido lugar.

E da mesma forma ocorreu com o grupo C. O aluno autista tinha responsabilidade em utilizar um cano de aquário para representar a circulação do sangue. Essa atividade possibilitou ao aluno um momento de pesquisa para saber exatamente por quais estruturas esse cano deveria passar. E como na turma anterior houve uma grande interação e trocas de informações a respeito da montagem do modelo. Após concluírem a montagem do modelo, cada grupo fez uma apresentação para seus colegas a respeito das principais funções do sistema trabalhado.

IMAGEM 1 – MODELOS EM CONSTRUÇÃO: 2ª SÉRIE “A”



FONTE: A autora (2023)

Essa experiência foi muito construtiva em termos de compreensão do conteúdo para todos os alunos. Mas para os alunos TEA além de possibilitar a visualização das estruturas e seu funcionamento, tiveram a oportunidade de participar na formulação e resolução de problemas. A colaboração entre os alunos

foi visível, mesmo com alguns empasses no início, mas que logo puderam ser superados através da mediação docente.

Fica clara a importância do desenvolvimento de trabalhos colaborativos em sala de aula, assim como afirma Da Silva (2011), esse tipo de trabalho possibilita o desenvolvimento de todos. Aqueles que não possuem dificuldades aprendem mais ao ajudar os colegas com mais dificuldades. Estes através da interação e da observação desenvolvem o aprendizado.

Um dos principais objetivos de realizar essa atividade em grupo é justamente observar e apoiar os alunos autistas nas interações durante o desenvolvimento do trabalho. Visto que geralmente a inclusão, dentro da sala de aula, vem com a orientação de que seja formulado atividades particulares para os autistas.

No entanto, oferecer materiais adaptados exclusivamente para eles, sem levar em conta a interação com os colegas, acaba por reforçar ainda mais a segregação (DA SILVA, 2011). Nesse sentido, realizar uma atividade colaborativa permite com que os alunos aprendam a lidar com as diferenças, compartilhar estratégias e solucionar empasses.

Ao trabalhar juntos, é possível atingir as premissas da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) que é a capacidade de resolver problemas e realizar tarefas com a ajuda e mediação de outros, onde os integrantes do grupo se encontram em diferentes níveis de aprendizagens e oferecem ricas oportunidades de interação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Poder imergir nas narrativas autobiográficas é uma atividade de autorreflexão fundamental na prática docente, possibilitando a compreensão e reestruturação de práticas, atitudes e posicionamentos outrora adotadas. Ao permear as recordações dos caminhos percorridos, até alcançar um posicionamento profissional, permite um reencontro entre o “eu” estudante e o “eu” Docente.

E imersa nessa profissão tão almejada, me deparo com tantas adversidades. Mas dentre todas elas, trabalhar com o Ensino de Biologia e jovens com Transtorno do Espectro Autista têm sido desafiador e gratificante ao mesmo tempo. Isso implica em estar constantemente na zona de confronto, buscando a cada dia novas formas de mediar o conhecimento.

Ser professor, além de ensinar, é estar atento às adversidades encontradas na sala de aula e estar a par das necessidades de cada indivíduo. E quando a questão se trata de assuntos delicados, como o da inclusão, é preciso que o professor vá de encontro com a justiça social, e auxiliar seus alunos a tomarem consciência do mundo em que vivem de forma autônoma e responsável (ROSALEN; BARBOSA, p. 141, 2022).

Nesse sentido, compreender a teoria da Zona de Desenvolvimento Proximal proposta por Vygotsky, trouxe um amparo no posicionamento em sala. Já que um dos principais aspectos abordados na ZDP, está intimamente relacionado a importância da interação, uma vez que as funções mais complexas do indivíduo são resultados de fenômenos sociais (FINO, 2021). E para interação desses alunos a estratégia de Aprendizagem Colaborativo demonstrou-se fundamental, uma vez que a organização das equipes possibilita a existência de um grupo heterogêneo. E considerando a base da educação inclusiva, a atividade possibilita a participação de todos os alunos, evitando dessa forma atividades marginais.

Mediante as narrativas e as bibliografias deste trabalho, foi possível compreender a complexidade e imprevisibilidade que é o ambiente de trabalho de um professor, ainda mais quando dentro desse ambiente existem problemáticas complexas.

Levando em conta a presença dos alunos autistas em sala de aula, fica claro a necessidade em adotar práticas pedagógicas que favoreçam tanto o aprendizado do aluno TEA, quanto a proporcionar um ambiente que facilite a interação de todos, e assim estimular o convívio dos alunos com a diferença.

Dessa forma torna-se fundamental desenvolver essas problemáticas dentro das universidades, principalmente no processo de formação de futuros professores, trazer para dentro das instituições acadêmicas instrumentos e metodologias que possibilitem o desenvolvimento profissional, e nesse sentido formar um docente preparado para trabalhar na adversidade bem como lidar com a diferença.

REFERÊNCIAS

ALCARÃO, I. **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Artmed Editora: Porto Alegre, p.10-81, 2009.

ALVES,D.O.; BARBOSA,K. A. M. **Experiências Educacionais Inclusivas**: refletindo sobre o cotidiano escolar. In: ROTH, B. W. Experiências educacionais inclusivas: Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade. Brasília: Ministério da Educação (MEC), 2006. p. 15-26.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-5 – **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARBOSA, K. P.; PERES, C. P.; PRZYLEPAP, M. O trabalho pedagógico do professor de apoio na inclusão de alunos com transtorno do espectro autista. **Revista Educação Especial em Debate**, v.5, n. 9, 2020.

BRASIL. **Atendimento educacional especializado** – aspectos legais e orientações pedagógicas. Brasília: MEC/ SEESP, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/43221/1/2010_liv_allvgomes.pdf. Acesso em: 20 mai 2023.

BRASIL. Constituição (1998). Constituição: **República Federativa do Brasil**. Brasília,DF:Senado,1988.Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/constituicao.pdf> Acesso em:08 mai 2023.

BRASIL. Lei Nº 12764 de 27 de dezembro de 2012. Dispõe sobre a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.M Brasília, DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm Acesso em: 03 mai.2013.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em: 14 mai. 2023.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: ensino médio.2018. Disponível em:http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=85121-bncc-ensino-medio&category_slug=abril-2018-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 28 mai. 2023.

BREITENBACH, F. V.;HONNEF,C.; COSTA, F.A.T. **Educação Inclusiva**: as implicações das traduções e das interpretações da Declaração de Salamanca no Brasil. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 24, p.359-379, 2016.

CROCHÍK, J. L. et al. **Atitudes de professores em relação à educação inclusiva**. **Psicologia**: ciência e profissão, v. 29,. n. 1, p. 40-59, 2009.

DA CONCEIÇÃO, E. F. V.; SIQUEIRA, L. B.; DA ROSA Z.M.P. **Aprendizagem mediada pelo professor**: uma abordagem Vygotskyana. Research. Society and Development, v. 8, n. 7, p.1-13, 2019.

Damiani, M. F. Entendendo o ensino colaborativo em educação e revelando seus benefícios. **Revista Educar**. Curitiba: n. 31, p. 213-230, 2008.

DA SILVA, M. O. E. Educação Inclusiva—um novo paradigma de Escola. **Revista Lusófona de Educação**, v. 19, n. 19, 2011.

DALLA V. C. C. S.; VESTENA, C. L. B. **Aprendizagem escolar de crianças com autismo e as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores**. Teoria e Prática da Educação, v. 23, n. 2, p. 81-98, 2020.

DAVIS, C.; SILVA, M. A. S.; ESPOSITO, Y. L. **Papel e valor das interações sociais em sala de aula**. Cadernos de pesquisa, n. 71, p. 49-54, 1989.

DIAS, É.; PINTO, F. C. F. **Educação e sociedade**. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 27, p. 449-454, 2019.

FINO, C. N. Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): três implicações pedagógicas. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 14, n. 02, p. 237-291, 2001.

FREITAS, D.; GALVÃO, C. O. **Uso de narrativas autobiográficas no desenvolvimento profissional de professores**. Ciências & Cognição, Rio de Janeiro, v. 12, p. 219-233, 2007.

GADIA, C. **Aprendizagem e autismo**: Transtornos da Aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar. Artmed, Porto Alegre, p. 423-433, 2006.

GALVÃO, C. **Narrativas em Educação**. Ciência & Educação, Bauru, v. 11, p. 327-345, 2005.

GASTAL, M. L. D. A.; AVANZI, M. R. **Saber da experiência e narrativas autobiográficas na formação inicial de professores de biologia**. Ciência & Educação, Bauru, v. 21, 149-158, 2015.

LIMA, M. E. C. C.; GERALDI, C. M. G.; GERALDI, J. W. **O Trabalho com Narrativas na Investigação em Educação**. Belo Horizonte, v. 31, n. 1, p. 17-44, jan./mar. 2001.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Microdados da Educação Básica/Censo Escolar 2018**. Brasília: MEC/INEP, 2018. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resumos_tecnicos/resumo_tecnico_censo_educacao_basica_2018.pdf. Acesso em: 08 mai 2023

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Secretaria de Educação Especial**. Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

NASS, R. et al. **A caixa de Max: atividades lúdicas para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. Research, Society and Development, v. 8, n. 1, p. irreg. 2019.

NOÉ, A. A relação educação e sociedade os fatores sociais que intervêm no processo educativo. **Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas v. 5, n. 03, p. 21-26, 2000.

NÓVOA, A; FINGER. **O método (auto)biográfico e a formação.** Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

ROSALEM, M.; VIESBA, E. **O que é ser professor/a.** V & V, São Paulo, p.372-377, 2022.

SACRISTÁN, J.G. **Poderes instáveis em educação.** Porto Alegre: Artmed, p. irreg, 1999.

SCHON, D. **Formar professores como profissionais reflexivos.** Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, V.2, p. 77-91, 1992.

SILVA, A.B.B.; GAIATO, M.B.; REVELES, L.T. **Mundo Singular:** Entendendo o autismo. Objetiva, Rio de Janeiro, 2012.

TURRA, N.C. **Rueven Feuerstein: "experiência da aprendizagem mediada":** um salto para a modificabilidade cognitiva estrutural. São Paulo, Educere et Educare, v.02, n.04, p.297-310, jul/dez.2007.

UNESCO, MEC-ESPANHA. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais.** Brasília: Corde, 1994.

VYGOTSKY, L.S. **A formação Social da Mente:** O desenvolvimento, dos processos Psicológicos Superiores. Martins Fontes, São Paulo, v.6. p.irreg. 1993.

ZANELLA, A. V. **Zona de desenvolvimento proximal:** análise teórica de um conceito em algumas situações vividas. Temas em psicologia, v.2, n. 2, pág. 97-110, 1994.